

Para uma Introdução ao Estudo do Narcisismo

JOÃO CARLOS TRINCÃO (*)

Por narcisismo designa-se a fase normal do desenvolvimento humano em que as pulsões ⁽¹⁾ componentes do instinto ⁽²⁾ sexual deixam de procurar a satisfação auto-erótica e, mercê de uma operação mental, as diferentes componentes do instinto sexual se unificam, escolhendo o próprio indivíduo como «objecto de amor», o que implica uma primeira representação mental de si próprio, um «ego corporal rudimentar», constituindo essa representação o «ego mental rudimentar». A introdução deste conceito, por Freud, veio esbater a distinção entre instintos sexuais e instintos do Eu, pois que agora tinham uma origem comum, a libido. A distinção só podia ser feita em termos do objecto a que a libido se ligasse, isto é, um objecto interno ou o próprio Ego. Mas sempre pensou que, além da componente libidinal dos instintos do Ego, havia

outra, não libidinal, que designou por «interesses do Eu».

Como sabemos, a libido era de origem sexual.

No entanto, antes e depois de 1911-1914, sedo este último o ano de que data o texto sobre o narcisismo, manteve sempre Freud uma doutrina dualista dos instintos. Tendo aceite a então usual destrição dos biologistas entre instinto de autoconservação (instintos do Ego) e instinto sexual (instintos libidinais), no texto referido apresenta Freud a ideia de uma ligação inicial da libido ao Ego, que só mais tarde é dirigida aos objectos — usando a feliz imagem «como o corpo de uma ameba emite pseudópodos».

Isto é, uma libido única a investir o Ego e os instintos sexuais (Nagera, 1970).

Esta fase do narcisismo é designada por narcisismo primário. Mais tarde, mantendo-se a evolução natural, parte das ligações libidinais são transferidas do «Ego corporal» para objectos exteriores. Estas ligações vão permitindo a estruturação de um *Self* (Ego mental + ego corporal) e, à medida que são abandonados esses objectos, a libido disponível regressa ao Ego mental, formando-se a partir dela o narcisismo secundário (Nagera, 1969).

(*) Psicanalista. Membro da Sociedade Portuguesa de Psicanálise.

⁽¹⁾ Conceito de fronteira entre o mental e o físico, um processo de excitação ocorrendo num órgão que pode, posteriormente, encontrar uma forma de representação mental (consciente ou inconsciente).

⁽²⁾ Formações mentais inatas, constituintes do núcleo do sistema inconsciente e hereditariamente recebidas.

No entanto temos de ter presente que a escolha dos termos não é arbitrária e a escolha do termo «narcisismo» para designar um estadio evolutivo levava em consideração que as lendas de Narciso, quer a antiga, quer a moderna — se esta designação for totalmente apropriada para nos referirmos a narrativas mitológicas datando de há XXVII e XIX séculos, respectivamente — têm um fim comum, a morte (Hamilton, 1962) — ou a loucura que, em termos de vida psicológica, é uma morte.

Daí ter-se sempre considerado, como limites dos casos analisáveis, os estados narcísicos.

Esta situação melhor se clarifica se tivermos presente que o texto de Freud sobre o narcisismo data de 1914 e nele procurava responder às questões que se punham na investigação das psicoses. Já na carta n.º 125 a Fliess, de 9 de Dezembro de 1899, ao referir-se à «escolha da neurose», mostra-se Freud alertado para a regressão libidinal nas doenças psíquicas, concedendo, todavia, que há um elo fraco no postulado do regresso a um estadio auto-erótico em todas as doenças mentais, salientando que a única que corresponde a uma tão marcada regressão é a demência precoce, ou esquizofrenia (Freud, 1899-1975).

Este tema estava, portanto, muito presente nas preocupações dos psicanalistas, como podemos reconhecer nos trabalhos sobre a melancolia de Karl Abraham desde 1908, e das sessões da Sociedade Psicanalítica de Viena em que esse tema surge (Sadger, 1914).

No desenvolvimento normal do Ego, após as fases do auto-erotismo e do narcisismo primário, inicia-se a do amor libidinal, na qual parte dos catexes libidinais do *self* são transferidos para os objectos exteriores.

Podemos, pois, supor, para fins descritivos, a existência de três grupos de catexes libidinais: de sensação (auto-erotismo); de objecto interno (narcisismo); de objecto externo (amor objectal) (Kaff, 1925).

Para prosseguir a apresentação deste tema, temos agora que falar do desenvolvimento da metapsicologia.

A estrutura da teoria psicanalítica sofreu várias fases, nomeadamente: neurodinâmica (1895-1897); dinâmica intrapsíquica (com o conflito centrado entre pulsão e censura, de 1900-1923); sistema dual intrapsíquico de referência (1923-1926); finalmente, organismo e realidade externa, com três níveis de análise: biológico, intrapsíquico e real (1926-1937); para, desde 1937, usar o sistema de níveis múltiplos de análise, incluindo o dinâmico, o estrutural, o genético e o adaptativo.

Para servir estes diversos conceitos, utilizou Freud vários modelos de funcionamento da psique:

- modelo topográfico, ou do arco reflexo, que representa a tendência do organismo para responder a estímulos, tendência essa considerada como uma direcção do processo psicológico; é um de dois caminhos que a excitação provocada pelo estímulo pode seguir, uma regressiva e outra, no caso ideal, o estímulo partido do sistema nervoso sensitivo, passa através dos sistemas pré-consciente e consciente, e vai determinar uma resposta motora.
- modelo entrópico ou económico, é o modelo topograficamente incompleto da sequência infantil inquietação-mamada-acalmia; pode sofrer modificações para manter a tensão ou aumentá-la.
- modelo darwiniano ou genético, apresenta o desenvolvimento psicosexual como núcleo da concepção genética de Freud e que permitiu à psicanálise ganhar meio século de avanço à psicologia clássica.
- modelo jacksoniano, é o da hierarquia integrativa neural, segundo a qual há uma hierarquia em que as integrações mais elevadas inibem ou controlam as

inferiores e a danificação, ou supressão, das superiores reinstala as funções inferiores.

Prosseguindo nesta esquematização teórica, chegamos ainda a outras conclusões, porventura surpreendentes, quanto à psicanálise. Assim:

- O assunto da psicanálise é o comportamento (ponto de vista empírico).
- O comportamento é integrado e indivisível: os conceitos construídos para a sua explicação pertencem a diferentes componentes de comportamento e não a diferentes comportamentos (ponto de vista da *Gestalt*).
- Todo o comportamento é parte de uma série genética e, através dos seus antecedentes, parte das sequências temporais que provocaram a actual forma da personalidade (ponto de vista genético).
- As determinantes finais de todos os comportamentos são as pulsões (ponto de vista estrutural).
- Todo o comportamento dispõe de, e é regulado por, energia psíquica (ponto de vista económico).
- Todo o comportamento tem determinantes estruturais (ponto de vista estrutural).
- Todo o comportamento é determinado pela realidade ⁽³⁾ (ponto de vista adaptativo), incluindo o corpo do indivíduo com excepção das fontes somáticas das pulsões e afectos.
- Todo o comportamento é socialmente determinado (ponto de vista psicossocial). (Rapaport, 1969).

Temos, então, que o narcisismo é uma fase do desenvolvimento que decorre desde

⁽³⁾ Realidade designando a fonte externa de estímulos.

a formação de um *self* rudimentar, até aos esboços de um Ego.

E quando se inicia, temporalmente, esse processo da evolução libidinal e qual o seu termo? Vejamos o que sobre o assunto podemos inferir dos processos de observação de bebés efectuados por psicanalistas.

Segundo Spitz, todos os bebés apresentam um estadio de não diferenciação, que decorre até meados do 3.º mês, e durante o qual não há diferenças entre o soma e a psique, entre um Ego e o Id. No começo, durante este período, o organismo funciona segundo o princípio de Nirvana: procura reduzir as tensões a zero. O indicador da mudança para a fase seguinte — o primeiro organizador da mente — é o sorriso, que significa:

- ter o lactente passado duma recepção cinestética para uma percepção dia-crítica;
- iniciar o testar da realidade;
- criam-se os primeiros traços mnésicos, que irão ficar disponíveis;
- começam a formar-se, e podem ser observadas, as primeiras relações directas de objecto.

Estes factos, observáveis como refere Spitz, permitem explicar:

- a divisão topográfica do aparelho psíquico numa parte consciente e numa parte inconsciente;
- que, de um estadio de não diferenciação, se passe a uma diferença entre um Ego e um Id, ou seja, cria-se uma estrutura psíquica;
- surge o primeiro exemplo do processo de pensamento que, segundo Freud, consiste na deslocação de um catexe ao longo de traços mnésicos.

O segundo organizador da mente, que surge entre o 6.º e o 10.º mês, mais frequentemente no 8.º, recebe, por isso mesmo,

a designação de «ansiedade do 8.º mês», ou «angústia do estranho», surge quando o objecto libidinal propriamente dito está formado e diferencia-se de todos os outros. Surgiu o objecto de amor e as relações com ele.

O terceiro organizador da mente é, para Spitz, a fala. É o único elemento específico do desenvolvimento dos homens (Spitz, 1953). Parece-nos, pois, legítimo concluir que, para este autor, o narcisismo decorre desde o aparecimento do sorriso até à ansiedade do 8.º mês.

Margaret Mahler apresenta um esquema diferente. Para esta autora, nas primeiras semanas de vida há uma fase que designa por *autismo normal*, período durante o qual o lactente parece viver uma desorientação alucinatória primitiva, na qual a satisfação das suas necessidades pertence à sua onnipotente e autística esfera. A partir de cerca do 3.º mês, pela percepção do objecto que satisfaz às suas necessidades, inicia a fase de *simbiose normal* (*).

Nesta fase o «eu» e o «não eu» ainda permanecem indiferenciados, e o «interior» e o «exterior» vão-se diferenciar a pouco e pouco. O aspecto essencial desta simbiose é o existir uma fusão onnipotente, somatopsíquica, alucinatória ou delirante, com a representação da mãe e, em particular, a ilusão de um limite comum mãe-filho, que na realidade estão separados.

Estas duas fases são consideradas como de narcisismo primário. A partir do início da fase de simbiose, começa a delinear-se o Ego corporal, que contém duas espécies de representação do *self*: um núcleo interior da imagem corporal, com uma fronteira virada para dentro do corpo e que o divide do Ego e uma camada exterior de engramas sensorio-receptivos que contribui para esta-

belecer os limites do Ego corporal. A passagem do autismo normal para a simbiose normal é marcada pelo facto da criança seguir o objecto com o olhar. Entra, então, numa fase que é definida como «processo do choco» (retirada do exemplo do ovo dado por Freud), que termina cerca do segundo ano e meio de vida, quando a criança é capaz de se mover livremente. Nessa altura parece ter atingido o acme do acreditar na sua própria onnipotência que, em grande parte, vem do facto de supor partilhar dos «poderes mágicos» da mãe. Isto coincide com a noção, cognitiva e perceptiva, da permanência dos objectos e a inteligência sensorio-motora começa a desenvolver-se e a dar uma verdadeira estrutura de inteligência de representação e, lentamente, no sentido de Hartmann, inicia-se o processo de interiorização (Mahler, 1968).

Portanto, temos dois autores coincidentes para a idade do início do narcisismo primário, respectivamente o sorriso e o olhar seguindo os objectos, cerca dos 3 meses de idade; mas, para o seu termo, temos a fala, cerca dos 18 meses e a livre locomoção, cerca dos 30 meses. Vejamos agora o que nos diz Melanie Klein, que procurou estudar as primeiras idades dentro da mais ortodoxa metapsicologia. Antes dela, a mente humana era considerada como um aparelho para sentir e controlar os instintos biológicos, originados fora do Ego. Este era um núcleo superficial, na «superfície do Id», hostil a ele e apenas dispendo de uma capacidade imperfeita de controlar as pulsões. Ora Melanie Klein veio a desenvolver um novo conceito de estrutura endopsíquica. Depois dela foi possível ver a mente humana como um mundo interno, de natureza totalmente pessoal, um mundo de relações interiorizadas Ego-objecto que, em parte, de forma realista e, em parte, de forma altamente distorcida, pode reproduzir as relações do Ego com os objectos pessoais no mundo externo real. Este facto permitiu

(*) Simbiose não tendo, aqui, o seu significado biológico, pois que se o lactente depende totalmente da mãe, o mesmo não sucede a esta em relação ao filho.

sair de um pensamento psicanalítico mecânico para um pensamento psicanalítico pessoal, da luta das forças psíquicas para o estudo da luta do homem para se realizar como pessoa numa relação personalizada (Guntrip, 1968).

De acordo com os postulados de Freud, Klein pressupõe a existência de um Ego precoce, lábil, num estado de fluxo constante, com variações diárias e momentâneas de capacidade de integração, que se defronta com a polaridade dos instintos, o instinto de vida e o instinto de morte, polaridade essa geradora de ansiedade, tal como sofre a acção da realidade exterior que age sobre ele, provocada pelo traumatismo do parto ou pelo sentido da vida dado pelo amor recebido da mãe.

Aqui uma objecção. O traumatismo de parto, como fonte de ansiedade, custa a aceitar. E porquê? O que iria induzir a primeira ansiedade era o traumatismo em si mesmo. Traumatismo porque havia uma passagem do meio interno para o meio externo, com uma anoxia, o cortar da circulação umbilical, a provocar a respiração pulmonar, uma comunicação fora-para-dentro, além de que havia a sensação de frio; aventura de nascer, com a sensação de risco que toda a aventura provoca. No entanto, o traumatismo de parto é algo de muito sério: há um cavalgamento dos ossos do crâneo e a expressão do tórax é de molde a que sejam expulsos cerca de 90 % do líquido amniótico em que estão banhados os pulmões. Um traumatismo desta ordem não causa ansiedade; mata. E só não o faz porque não há resposta ao *stress* que o organismo sofre, na medida em que o medidor químico necessário ao organismo para responder ao *stress*, a adrenalina, é segregado pelas supra-renais, que não estão formadas no momento do parto e só mais tarde se começam a formar.

Mas esse Ego, lábil e em estado de fluxo constante, quando confrontado com o instinto de morte, vai deflecti-lo, parte de

forma projectiva e parte de forma agressiva. E o primeiro objecto é o seio e, portanto, ao receber parte do instinto de morte, vai dar origem a um sentimento persecutório. De modo que o medo inicialmente sentido em relação ao instinto de morte, passa a ser sentido em relação ao perseguidor, o seio persecutório. A parte do instinto de morte que fica no Ego é convertida em agressividade e dirigida contra o perseguidor — ou perseguidores, se a passagem do instinto de morte para o seio for sentida como fragmentando-se em muitas partes. Mas, ao mesmo tempo que isto sucede, a libido também é projectada, por forma a criar um objecto que satisfaça as necessidades de vida do Ego. Parte dessa libido é naturalmente projectada para o primeiro objecto, o seio; a restante é utilizada para estabelecer uma relação libidinal com esse objecto. E, assim, desde o início, o Ego tem dois objectos: o objecto primário, o seio, está nesta altura dividido em duas partes, o seio ideal e o seio persecutório. Para se defender da ansiedade de aniquilação, o Ego deesnvolve mecanismos de defesa, sendo os mais primitivos a introjecção e a projecção. E, naturalmente, procura introjectar o bom e projectar o mau objecto. Mas há situações em que, para defender o bom objecto, da maldade sentida no Ego, aquele é projectado e os meus objectos, persecutórios, são introjectados e até há identificação deles ao Ego numa tentativa de os controlar. Em situações de ansiedade, há recurso aos mecanismos defensivos de introjecção e projecção por forma a manter o mais separados possível o bom e o mau objecto, mas tendo ambos sob controlo. Esta primeira fase é denominada esquizo-paranóide.

Quando, no seu decurso, há uma prevalência das boas sobre as más experiências, o Ego adquire a certeza convincente da prevalência do objecto ideal, bom, sobre os persecutórios e, logo, da prevalência do instinto de vida sobre o instinto de morte. Isso permite que o Ego se vá robustecendo

cada vez mais e, portanto, ser capaz de suportar as ansiedades cada vez mais fortes, sem que tenha a necessidade de fazer uma divisão tão marcada entre objectos persecutórios e ideais, não tendo, conseqüentemente, tanta necessidade de utilizar o mecanismo de projecção, o que irá propiciar a integração dos seus objectos, permitindo-lhe integrar-se a si mesmo, diferenciando-se, assim, desses objectos.

Posteriormente virá a surgir a emoção da inveja. O objectivo desse Ego precoce é o de ser tão bom quanto o objecto; quando isso é sentido como impossível, passa a ter outro objectivo, que é o de remover a origem dessa sensação de desprazer, ou seja, estragar o que é bom no objecto. A inveja surge quando o lactente sente que o seio é a fonte da vida e das sensações boas. Deseja, pois, ser ele próprio a fonte dessa perfeição. Se a inveja é muito intensa, não se pode manter a dicotomia objecto ideal-objecto persecutório, porque é o objecto ideal que vai ser atacado, o que conduz a um ciclo em que não há possibilidade de introjecção do bom objecto porque este, para mitigar o desprazer advindo da inveja, não é sentido como bom. Mas se este sentimento for sentido como ego-sintónico, isto é, mantido dentro de limites aceitáveis pelo Ego, torna-se a base da competição e da rivalidade com o objectivo primário, sem provocar sentimentos de culpabilidade e de perseguição.

Depois, na sequência do desenvolvimento, surge a posição depressiva, definida como a fase do desenvolvimento, surge a posição depressiva, definida como a fase do desenvolvimento em que o lactente reconhece um objecto total e se relaciona com ele. Esta possibilidade de se relacionar com objectos totais, traz uma nova qualidade à ansiedade: na posição esquizo-paranóide, a principal ansiedade é a de que o Ego possa ser destruído pelo mau objecto, ou maus objectos; agora a fonte de ansiedade vem das ambivalências, a principal das quais resi-

dindo no facto das pulsões destrutivas poderem ter destruído, ou virem a destruir, o objecto a que ama e de que depende. Surge então o sentimento de culpa, pois que crê ter sido a sua própria capacidade destrutiva que levou à perda do bom objecto. À medida que decorre esta fase, modifica-se o carácter do Super-Ego, que teve as suas origens na introjecção dos objectos ideais e persecutórios. Anteriormente, o objecto persecutório era sentido como desapiedado, retaliatório, primitivo, e o objecto ideal, com o qual o Ego anseia por se identificar e que irá formar o Ego Ideal do Super-Ego, também é muitas vezes sentido como persecutório, devido à exigência de perfeição que constantemente formula.

Nesta fase depressiva, o Super-Ego torna-se mais integrado e é sentido como um todo interno, ambivalentemente amado.

O luto sentido na posição depressiva e as pulsões de desejo de reparação desenvolvidas para restaurar os objectos amados, interno e externo, são dirigidas quer ao objecto, quer ao próprio, o que provoca uma inibição das pulsões instintivas, vindo a repressão substituir a fragmentação. Ou seja, gradualmente os mecanismos psicóticos projectivos cedem lugar aos mecanismos neuróticos de inibição, recalque e deslocamento e assiste-se, também, à génese de formação de símbolos. Por outras palavras, para poupar o objecto, a criança, em parte, inibe os seus instintos e, em parte, deslocam-os para substitutos. Os processos de sublimação e de formação de símbolos estão estreitamente ligados, e ambos são a resultante de conflitos e ansiedades pertencentes à posição depressiva.

As vivências desta fase são tão fortes que o Ego utiliza contra elas todas as defesas de que dispõe, e que podem ser consideradas como dois grandes grupos: reparação e defesas maníacas. Como a posição depressiva está ligada com a experiência de dependência do objecto, as defesas maníacas dirigem-se contra qualquer sentimento de

dependência. A relação maníaca com o objecto pode ser definida como uma tríade: controlo, triunfo e desprezo, que são a defesa contra os sentimentos depressivos de valorização e dependência do objecto, medo de o perder e culpa por o atacar. Se houver uma prevalência dessas defesas, vai-se gerar uma situação em que não há lugar à reparação. Esta surge da culpa e do desespero de ter onnipotentemente destruído a mãe, e do desejo de a restaurar e de a recriar por forma a recuperá-la, interior e exteriormente.

É este desejo e esta capacidade de restauração do bom objecto, interna e externamente, que está na base da capacidade do Ego de manter o amor e as relações através dos conflitos e das dificuldades e, também, na base das actividades criativas, que estão enraizadas no desejo da criança de restaurar e recriar a felicidade perdida, os objectos internos perdidos e a harmonia do seu mundo interno.

Mas o importante é que a reparação representa a aceitação da realidade, a aceitação da ideia de separação — a diferenciação do *Self* próprio do dos pais, com todos os conflitos que tal implica e, como parte da reparação, permite-se a liberdade dos objectos, permitindo-lhes que se amem e restaurem sem dependerem de nós (Segal, 1973).

Recentemente, Segal (1982, in *I.J.P.*, 1983) apresentou um trabalho para mostrar que as investigações de Melaine Klein sobre as relações de objecto primário traz esclarecimentos importantes a propósito do narcisismo, citando os trabalhos *Sobre as origens da transferência* (1952) e *Notas sobre alguns mecanismos esquizóides* (1946), em que há referências explícitas ao narcisismo, e *Inveja e gratidão* (1957), em que essa referência é implícita, tanto mais que, para Hanna Segal, inveja e narcisismo «são como as duas faces duma moeda» (*ibid.*, 1982-83).

Vejamos, ainda, outros conceitos de narcisismo. Ao discutir a «escolha» da neurose,

Phyllis Greenacre (1953) diz que as influências determinantes na escolha da doença vêm principalmente do grau e da forma de narcisismo antenatal e de como ele pode satisfazer as necessidades pós-natais, sendo essas influências, em grande parte, consequência do processo de parto. De um ponto de vista biológico, o narcisismo pode ser definido como o componente libidinal do desenvolvimento que pode sofrer alterações num ou noutro sentido, através das vicissitudes da experiência, em qualquer momento do decurso da vida. Por consequência, para esta autora, o narcisismo vem desde o período fetal até ao termo da vida. Explicando melhor o seu conceito, diz que, durante a vida fetal e em condições óptimas, a maturação neuro-motora precede ligeiramente a neuro-sensitiva, diminuindo assim a formação das tensões devidas a estímulos externos. A carga libidinal, o narcisismo primário fetal, parece estar distribuído de várias formas através da estrutura fetal, sendo tal determinado pela história filogenética da espécie, isto é, os processos maturacionais seriam acompanhados, quando se aceleram, por acumulação dessa carga libidinal. Reforça esta ideia de que o parto representa um bom estímulo para o funcionamento cerebral, mas não suficientemente forte para que a cabeça seja o foco da ansiedade de castração, o que pode suceder nos psicóticos. Como atributos, derivados ou formas do narcisismo pós-natal, cita o sentimento de onnipotência e os seus derivados, a sobrevalorização do poder do desejo, a crença no poder mágico das palavras, a tendência a «ver-se ao espelho», em parte derivada do narcisismo primário, e em parte de um sentimento da realidade imperfeitamente desenvolvido.

Se recordarmos o que dizem estes autores, verificamos que temos visto o narcisismo segundo os vários modelos a que atrás se fez referência e que são usados pela metapsicologia. Assim, Freud utiliza um modelo topográfico e entrópico, Melanie

Klein utiliza um modelo genético e Phyllis Greenacre o modelo jacksoniano e topográfico. Fixemos alguns aspectos essenciais do narcisismo após esta breve revisão da literatura sobre o assunto:

- O narcisismo é um dos estádios do desenvolvimento humano.
- É no seu decurso que toma forma o *self* (Ego corporal + Ego psíquico) necessariamente muito rudimentar.
- É da energia libidinal que investe esse *self* que sai toda a energia para as relações objectais.
- Essa energia volta ao Ego psíquico, entretanto mais diferenciado pela inexorável evolução provocada pela maturação física e psíquica, sempre que acaba a relação com o objecto que investe.
- A energia libidinal ligada ao *self* rudimentar é designada por narcisismo primário.
- A energia libidinal, vinda das relações objectais terminadas, volta ao Ego psíquico e é designada por narcisismo secundário.

Assim, afigura-se correcto designar por narcisismo *exclusivamente* o período do desenvolvimento natural do ser humano, em que a energia libidinal, até então dispersa pelos diversos componentes do instinto sexual, deixa de satisfazer ao auto-erotismo e, mercê de uma operação vinda da psique e proporcionada pela maturação do SNC, investe o próprio sujeito como objecto de amor. Este período decorre até à fase do amor objectal, ou seja, até ao momento em que o indivíduo tem a percepção de ser diferente do outro.

Do vasto campo originado no conceito de narcisismo, grandes eram as repercussões para a clínica. Da sequência auto-erotismo-narcisismo-amor objectal, resultou que surgissem pontos de dúvida quanto às fixações e regressões tais como: qual a diferença

entre os tiques⁽⁵⁾ e as manifestações orgânicas da histeria? Os maneirismos são manifestação homossexual, ou resultantes de uma fase homossexual mal vivida e identificação heterossexual precoce? Se os traços mnésicos, os engramas, têm dois sentidos (modelo topográfico), se a doença é uma fixação, quais as vias de regressão? O maneirismo é uma manifestação de homossexualidade ou de narcisismo? A psicossomática é consequência da fase do auto-erotismo?

Ferenczi (1921) preocupou-se com estes assuntos para concluir que os maneirismos são claras manifestações de homossexualidade e os tiques expressões de auto-erotismo, não tendo sido capaz de explicar as paralisias histéricas senão através das regressões auto-eróticas da libido, claro que com o fim de diminuir a ansiedade provocada pelas pulsões. E, nesta linha, podemos considerar a catatonia verdadeira como uma fase do estádio esquizo-paranóide em que o Ego sente poder ser destruído pelo mau objecto — em termos kleinianos —, ou como uma manifestação de defesa a uma forte ansiedade no estádio de não diferenciação de Spitz, ou como um regresso ao autismo normal de Margaret Mahler, ou como um regresso ao narcisismo antenatal de Phyllis Greenacre, em que a libido constitui como que uma carapaça protectora do indivíduo? A falsa catatonia, o negativismo histérico, pressupõe já a existência de um objecto, pelo que seria uma regressão à posição depressiva kleiniana, à fase do 1.º organizador da mente de Spitz, à simbiose normal de Margaret Mahler, ou um regresso ao narcisismo de P. Greenacre? Como vemos, uma concepção não exclui as outras e, quando se torna necessário optar por uma delas para melhor podermos compreender uma determinada patologia, devemos ter presente que as componentes dinâmicas e relacionais são as mais importantes:

(5) Tique: abreviatura de estereotipia.

enquanto que o catatónico quer escapar à perseguição do mau objecto, exteriorizado (projectado para o exterior) que o procura destruir e não se move para não trair a sua presença, o negativista quer chamar a atenção do objecto e receber dele carinho. Tornemos, agora, a ver este assunto por outro prisma. Voltando às estereotipias motoras, Ferenczi (1921), ao tentar codificá-las, estabeleceu as condições para a fixação da libido num órgão, as quais seriam três:

- perigo de morte ou ameaça de um traumatismo;
- lesão de uma parte do corpo já carregada fortemente de libido (uma zona erógena);
- narcisismo constitucional, quando a mais pequena lesão de qualquer parte do corpo afecta todo o *self*.

Para este autor, os doentes apresentando tiques cabem no terceiro grupo, pois que são hipersensíveis e revelam, ao sofrer um estímulo vulgar, para ele não terem defesas. Acrescenta que grande número de pacientes paranóicos e esquizóides sofrem de estereotipias, pelo que se pode admitir a existência de uma raiz comum nas psicoses e nos tiques. Vai mais além, afirmando que, no caso da doença de Gilles de la Tourette, em que aos tiques se seguem convulsões e a seguir a estas a catatonia, a rigidez tónica provará ser o somatório de um sem número de contracções clónicas defensivas; assim, a catatonia seria o clímax (orgasmo) da cataclonia (tique). Abraham (1921) discorda de Ferenczi e situa o tique como sintoma de conversão ao nível sádico-anal, ao lado da neurose obsessiva; entre o narcisismo e o auto-erotismo, situa a catatonia e os estados paranóicos. Melanie Klein (1921) confirma que a cataclonia é um equivalente da masturbação, mas discorda de Ferenczi, atribuindo a sua causa à perturbação das relações objectais e não a um sintoma do narcisismo primário (ver Feldmann, 1973).

Balint (1958), ao referir o desenvolvimento infantil, considera a existência precoce de dois grupos de pulsões, com destinos diferentes, as pulsões instintivas, que tendem a formas de gratificação orais, anais, uretrais e genitais e as pulsões de relação de objecto. Estas têm a sua primeira manifestação no amor primário, relação de objecto em que só um dos parceiros pode fazer pedidos e exigências, e o outro não deve ter nem interesses, nem desejos, nem exigências próprias. Da resposta do objecto a esse amor primário nasce uma de duas posições: ou o filobatismo ou a ecnofilia. Por outras palavras, ou o permanecer longe do objecto, ou o permanecer sempre na sua órbita. A essa fase de amor primário segue-se o narcisismo, o amor adulto activo, etc. São o destino destes dois grupos de pulsões processos inteiramente distintos, mesmo que mutuamente se influenciem.

Winnicott crê existirem três processos no desenvolvimento humano muito precoces: a integração, a personalização e, após estas, a avaliação do tempo e do espaço e de outras características da realidade. A integração depende da carga genética da criança, depende, na fase de união dual, da capacidade da mãe em prestar cuidados suficientemente bons, em especial «segurando bem no seu bebé»; «segurar» tendo aqui dois significados — o simbólico, no sentido da contenção das necessidades do seu filho, dando-lhe a resposta adequada, e o literal, pois que o segurar o bebé ao colo dá a este um sentido de união com a sua pele, o órgão senso-receptor. O amor e o segurar convenientemente no bebé, permite a este lançar os alicerces da confiança básica; o mau segurar, provocará «ansiedades impensáveis» e desconfiança. Esta fase é essencial para a capacidade subsequente de amar e de simbolizar. Uma pele com catexes libidinais fortes, será capaz de delinear o interior do exterior. E a comunicação entre as duas áreas sepa-

radas por esta fronteira, será desejada, pois que não haverá risco de se confundirem e a simbolização é a forma de comunicação através dela.

Posteriormente, este espaço interior será designado por mente que, em termos do modelo topográfico, irá corresponder ao pré-consciente. No estadio da satisfação alucinatória do desejo, este surge do amor da mãe e da identificação muito próxima que lhe permite satisfazer no momento exacto os desejos do filho, provocando neste a ilusão «sem a qual não há contacto possível entre a psique e o meio». Segue-se o estadio dos objectos e fenómenos transitivos, ou seja, à medida que a criança se desenvolve, surge, por percepção da mãe, a introdução gradual de períodos de demora, progressivamente maiores entre a manifestação de um desejo e a sua satisfação. Nesse lapso de tempo, a criança apercebe-se dos objectos existentes na realidade exterior e sente-os como receptivos para uma utilização ilusória. Primeiro o polegar ou um punho, depois um pedaço de pano, etc., a pouco e pouco vai surgindo a realidade exterior, o tempo, o espaço. A integração vem da carga genética e da capacidade de «holding» da mãe; a personalização através da sua capacidade de resposta, conducente à ilusão no filho e o estadio dos objectos transitivos permite o reconhecimento da realidade.

Esta forma diversa de encarar o narcisismo tem como justificação que para uns, como Phyllis Greenacre, ele representa uma teoria moneísta dos instintos, uma libido que não se divide em «interesses» sexuais e interesses do Ego, tal como Freud a postulou. Ora o narcisismo é o desenvolvimento da teoria económica da libido, da sua repartição, do seu investimento, da sua capitalização, e dos seus reinvestimentos. Em termos de teoria de relação objectal, quem vai ser investido é o objecto interno de identificação, o Ideal do Eu, o que articulará o narcisismo com a culpabilidade

do investimento sexual do objecto, ou seja, do outro.

Ultimamente, o mundo da psicanálise recebeu com vivo interesse, o que não exclui críticas, por vezes acerbas, se bem que justas, os trabalhos de Heinz Kohut sobre o narcisismo. O que nos diz este autor de diferente? No auto-erotismo, a criança não se distingue como diferente da mãe. Quando começa a fazer essa destrinça, na mente da criança permanece a imagem de uma mãe com quem se sentiu fundida e na qual se sentiu imersa. Essa Imagem Arcaica Parental está Idealizada (IAPI) com tudo o que há de bom e tudo o que há de mau, pois que, sem que a criança se exprima, conhece as suas necessidades e satisfá-las, ou ignora-as e frustra. À medida que vai experienciando o seu corpo como individualidade separada, vai criando uma imagem de *self*. Nestas circunstâncias, o seu ego psíquico tendo uma experiência de uma IAPI, para a eliminar tem de criar um ego psíquico onnipotente, que, por sua vez, influencia todo o resto, de tal forma que cria um *Self Grandioso* (SG). Quando isto sucede, estamos numa fase denominada narcisismo primário e as reais limitações do Ego infantil virão a formar-se da interacção do binómio gratificação/frustração, proporcionado pelas relações com a mãe, até que, com o aparecimento da sexualidade e, depois, do Complexo de Édipo, o excesso de libido investida na mãe é retirada e colocado noutros objectos.

Até pela sua própria composição, o referido binómio é precário, pois muitas vezes esse SG vai ver negada a sua necessidade de exibicionismo da sua onnipotência negada pela falta de empatia da mãe. Quando, sistematicamente, a criança esbarra com uma não aceitação do seu exibicionismo e grandiosidade por falta de empatia dos adultos, fica frustrada em valor superior ao que pode suportar. Estas frustrações vão ser expressas através de fúrias (raiva narcísica) de que os brinquedos serão directa-

mente as vítimas. Mas estas rebeliões são, para a criança, difíceis de suportar, pois que teme que a IAPI descubra essa revolta e a puna — uma vez que ela tem por objecto os adultos que precisamente lhe deram origem. Por outro lado, dado o seu SG, pode temer destruir o adulto objecto dessas raivas, nascendo assim a primeira culpabilidade e, muitas vezes, actos fóbicos ou obsessivos, os primeiros destinados a defender-se da IAPI e os segundos do SG, desfazendo, dessa forma, o mal que aquele possa ter causado.

A forma psíquica mais simples de defesa é a da criança deixar de se manifestar, recalcando dentro de si esse SG; mas pode, também, tentar libertar-se dele, projectando-o. Em regra para um adulto, em geral o pai. Assim, ao longo do seu desenvolvimento, a criança vai guardando em si o SG, ou vai-o projectando nos outros. Mas por estar recalcado, mantém-se ignorado pela parte do Eu da realidade, manifestando-se apenas através das defesas psíquicas: se existe uma falha vertical entre o SG e a parte da psique que contém o Eu central (Eu da realidade + Super Ego), surgem:

- estados de grandiosidade que servem para desmentir a frustração da não aprovação do exibicionismo;
- estados com predominância de sentimentos de vazio e de baixa de auto-estima.

Se a fenda for horizontal, há uma barreira de repressão, que se manifesta por frieza emocional e insistência em manter-se distante dos objectos de que deseja alimento narcísico.

Geralmente, as duas fendas coexistem num mesmo indivíduo, sendo mais ou menos extensas e profundas consoante o momento do traumatismo que provocou a fixação ao nível narcísico. Como esta fase está muito próxima do auto-erotismo, justifica-se o aparecimento de um forte com-

ponente hipocondríaco, com lesões e/ou preocupações de lesões, em vários órgãos, bem como queixas físicas várias.

Temos, então, que o narcisismo primário, segundo Kohut, se vai diferenciar em duas componentes, o *self* narcísico e a imagem idealizada dos pais.

O *self* narcísico, com as suas ligações libidinais, fica retido em si mesmo, completamente envolto como está nas pulsões e tensões que estas, inevitavelmente, geram.

A imagem idealizada dos pais surge de uma libido idealizadora, o que pode ser considerado como uma fase *sui generis* na evolução da libido narcísica (diferenciada do amor de objecto, que tem as suas fases específicas de transição).

O facto de o genitor idealizado ser o portador da perfeição originalmente narcísica e da sua onnipotência, influencia a sua omnisciência, a onnipotência e a perfeição do Super-Ego — e é devida a esta razão que os valores deste são sentidos como absolutos. Não são as formas, ou os conteúdos, que caracterizam o Ideal do Eu, mas, sim, a sua qualidade específica de provocar o nosso amor e admiração, ao mesmo tempo que nos impõe a tarefa de dominar as pulsões.

Desta forma, resulta que o Ego experimenta o Super-Ego como uma força vinda de cima, e o ego narcísico como uma força vinda de baixo. Ou, para melhor compreendermos, o homem conduz-se pelos seus ideais e é movido pelas suas ambições.

O *self* narcísico quer que o olhem, que o admirem, e as interferências prematuras vão produzir uma vulnerabilidade psíquica, porque as fantasias de grandiosidade vão ficar logo reprimidas, através da falha vertical, que vai dividir o Ego e logo inacessível a quaisquer influências que a pretendam modificar.

O exibicionismo pode ser considerado como a principal dimensão narcísica de todos os instintos, como expressão da ênfase

narcísica sobre o objectivo da pulsão, mais do que sobre o seu objecto.

Assim, falamos de exibicionismo anal, uretral e fálico, notando que, na rapariga, o exibicionismo da fase uretral-fálica é, a breve trecho, substituído pelo exibicionismo de toda a sua atitude e contenção. A fantasia de grandiosidade é um verdadeiro ideário das necessidades narcísico-exibicionistas e a vergonha surge quando o Ego é incapaz de proporcionar uma descarga adequada às exigências exibicionistas do eu narcísico.

Desta fase resultam, para o Ego, várias aquisições: criatividade, empatia, capacidade para suportar a sua própria transitividade, o sentido de humor, a sabedoria.

A criatividade resulta da transitividade de parte da líbido; a empatia da inclusão, no próprio, do funcionamento mental da mãe (empatia primária); a capacidade de suportar a transitividade do próprio pela identificação primária com a mãe; o humor, do desenvolvimento do Ego narcísico, através de re-arranjos e transformações da líbido narcísica, mantendo activo e decidido o Ego; finalmente, a sabedoria, ou seja, a capacidade do homem em ultrapassar o seu narcisismo não modificado, baseia-se na aceitação dos limites dos seus poderes físicos, intelectuais e emocionais.

A dependência do ego primitivo em relação ao seu objecto externo, provoca o desejo de remoção dessa situação e traz como consequência, ao campo psicológico, a agressão, a raiva, a destruição.

A raiva narcísica constituirá, assim, apenas um dos elementos deste vasto campo. Tem um aspecto que lhe dá um lugar à parte no reino da agressão humana: a necessidade de vingança, de endireitar o que está errado, de desfazer algo que magoou por quaisquer formas, e uma compulsão profundamente radicada e que não diminui na prossecução de todos estes objectivos, o que faz que, aos que sofreram uma ferida narcísica, não seja permitido descanso.

O desejo de transformar a experiência que viveram numa forma passiva, numa experiência vivida de forma activa, o mecanismo de identificação com o agressor, o guardar das tensões sádicas por aquele que, em criança, foi sadicamente tratado pelas figuras parentais, são tudo factos que explicam a prontidão com que alguém envergonhado responde a uma situação potencialmente provocadora de vergonha através do mais simples: das duas posições de resposta perante uma agressão, a fuga ou a luta, escolhe sempre a primeira, além de que escolhe infligir activamente nos outros as feridas narcísicas de que ele próprio mais medo tem de sofrer.

Na concepção de Kohut, a nossa actividade defensiva é primordialmente determinada pela vergonha sentida perante um defeito no reino do *self* onipotente e grandioso, e não pelo sentimento de culpa surgido da revelação de uma pulsão inconsciente, sexual ou agressiva. E, em caso de erro, há, por vezes, protestos contínuos do tipo «como é que isto pôde suceder? Como é que isto pode ser?», protestos esses enraivecidos contra a imperfeição do *self* grandioso e queixas contra o onipotente *self* grandioso que permitiram tal insulto. E isso porque a pulsão agressiva é mobilizada ao serviço de um SG arcaico e é utilizada dentro do quadro de uma percepção arcaica da realidade. Como na história da madrasta da Branca de Neve, nas suas perguntas ao espelho mágico «Espelho, espelho, quem é a mais bela?», pergunta o SG. E, quando ouve que alguém é mais belo, mais esperto, mais forte, então jamais tem descanso, porque não pode já ignorar a realidade. Noutros termos: as mais intensas sensações de vergonha e as mais violentas formas de raiva narcísica, surgem daqueles para quem o sentimento de controlo absoluto sobre um meio arcaico é indispensável devido à manutenção da auto-estima — e, na realidade, do *self* — depender da disponibilidade in-

condicional das funções aprovadoras, em espelho, de um *self* objecto admirador, ou da sempre presente oportunidade de fusão com um *self* idealizado. A raiva narcísica escraviza o Ego, permitindo-lhe apenas funcionar como seu instrumento e seu racionalizador. E vê-la-emos se o muro de aparente tranquilidade, que foi sendo mantido à custa do isolamento social, desapego e superioridade, fantasiados sobre os outros, começa a abrir fendas.

Quando a libido exibicionista, mobilizada e desenvolvida para descarga, espera uma resposta, espelhada quer pelo meio, quer do Super-Ego idealizado, isto é, a estrutura interna que herdou as funções de aprovação do meio arcaico, não obtém a resposta esperada, fica perturbada. O seu fluxo, em vez de provocar uma sufusão de calorosa aprovação sobre o SG, vinda de uma libido exibicionista aprovada e refletida, sofre uma desintegração quer da descarga, quer da evolução. A falta de cooperação, totalmente inesperada, do objecto-espelho, cria um desequilíbrio psico-económico que perturba a capacidade do Ego em regular a produção das descargas exibicionistas. Em consequência da paralisia temporária que lhe é infligida, o Ego, por um lado, sofre a pressão das pulsões exibicionistas e, por outro, tenta desesperadamente pôr-lhes termo. A superfície exibicionista do *Self*, a pele, não sente o calor agradável dum exibicionismo com sucesso, mas o calor e o rubor, lado a lado com a palidez. É esta mistura desorganizada de uma descarga maciça (baixa de tensão) e bloqueio (aumento de tensão) na área da libido exibicionista, que vai ser sentida como vergonha.

Outro aspecto, este eminentemente prático, refere Kohut: do ponto de vista teórico, o narcisismo não é, para nós, nem patológico, nem estranho, havendo, no entanto, a tendência de o sentir com uma conotação negativa mal nos esquecemos disto.

Isso sucede porque, na escala de valores, o amor de objecto é uma valor superior ao narcisismo e, por isso, da parte dos terapeutas, há o desejo de o substituir, nas suas manifestações patológicas de auto-suficiência, herdadas da sua fase de desenvolvimento normal (que não evoluiu correctamente), por amor de objecto — quando objectivo mais correcto seria a redistribuição da libido narcísica e a integração da estrutura psicológica primitiva, numa personalidade amadurecida. Isso fica esquecido.

As personalidades com lesões deste tipo, traídas na auto-suficiência, apresentam, geralmente, estruturas de um de dois tipos: ou defensivas quando a sua função única ou largamente dominante é a de cobrir o defeito primário do *Self*; ou compensatórias — quando, mais do que tapar o defeito, procuram compensá-lo.

Quando há uma fraqueza na área do exibicionismo e da ambição, frequentemente há uma compensação através do aumento da auto-estima proporcionada pela identificação a ideais e vice-versa.

À luz destas estruturas do período do narcisismo, Kohut afirma tornarem-se mais compreensíveis as formas de abordagem das psicoses, usando o seguinte esquema de análise: desintegração da auto-estima; regressão às posições narcísicas as mais arcaicas; fragmentação destas posições (incluindo a perda de objectos arcaicos narcisicamente investidos), dando como resultado a fragmentação do *self* e dos seus objectos arcaicos; ressurgir secundário (restitutivo) do *self* arcaico e dos objectos narcísicos arcaicos de forma manifestamente psicótica (Kohut, 1966, 1971, 1977, 1978).

O tema do narcisismo merece toda a nossa atenção. Nos nossos dias, à medida que fomos aprendendo a analisar a pré-germinalidade, fomos melhor compreendendo a patologia e verificando quão importante esta fase é para o desenvolvimento humano. A formação derivada do narcisismo de que

mais frequentemente nos apercebemos é a auto-estima. E há perturbações cada vez mais frequentes dela. Por isso temos de ter presente todos os modelos de desenvolvimento do Eu que a metapsicologia nos proporciona, e utilizá-los consoante a patologia que se nos depara. Afinal, não foi ela escrita a partir da prática e reformulada tantas vezes quantas as necessárias?

BIBLIOGRAFIA

- ABRAHAM, Karl (1973) — *Oeuvres Complètes*, Vol. 1 e 2, Payot, Paris.
- BALINT, M. (1958) — *Les voies de la régression*, Payot, Paris.
- BARKIN, L. — ver GROINICK.
- FELDMAN, S. (1973) — *Mannerisms of Gesture and Speech in everyday life*, 4.^a ed., I.U.P., N.I.
- FERENCZI, S. (1970) — *Oeuvres Complètes*, Vol. 2, Payot, Paris.
- «Analytical Observations on Tic», *I. J. P.*, Vol. 5, Março 1921.
- FREUD, S. (1975) — Standard Edition.
- GREENACRE, P. (1953) — *Trauma, Growth and Personality*, The Hogarth Press.
- GROINICK, S. et al. (1978) — *Between Reality and Fantasy — Transitional Objects and Phenomena*, Ed. Aronson, N. I.
- GRUMBERGER, B. (1969) — *Le Narcisisme*, Petite Bibl. Payot, Paris.
- GUNTRIP, H. (1968) — *Schizoid Phenomena, objectal relations and the Self*, Butler and Tanner, Londres.
- HAMILTON, E. (1962) — *La Mythologie*, Bibl. Marabout Université, Paris.
- KAFF, R. (1925) — «Sensation and Narcissism», *I.J.P.*, Vol. 6.
- KLEIN, M. (1972) — *Essais de Psychanalyse*, Payot, Paris.
- KOHUT, H. (1971) — *The analysis of the Self*, I.U.P., N.I.
- *The psychology of the self — A Case Book*, 2.^a ed., I.U.P., N.I., 1978.
- «Forms and Transformations of Narcissism», *JAPA*, Vol. 14, 1966.
- *The restoration of the Self*, I.U.P., N.I., 1977.
- MAHLER, M. (1968) — *On human Symbiosis and the Vicissitudes of Individuation*, Vol. 1, «Infantile Psychosis», I.U.P., N. I.
- MATOS, A. Coimbra de (1977) — *Pares anti-téticos da evolução da Líbido*.
- *Narcisismo*, 1979.
- *Diferenciação Topográfica e económica do objecto*, 1979.
- *A fractura narcisismo-sexualidade*, 1980.
- *A propósito da função do Eu*, 1980.
- NAGERA, H. (1969) — *Basic Psychoanalytic concepts on the libido Theory*, Vol. 1, George, Allen and Unwin Ltd.
- *Basic Psychoanalytic Concepts on the Instinct Theory*, Vol. 3, *ibid*, 1970.
- RAPAPORT, D. (1969) — *The structure of Psychoanalytic Theory*, I.U.P., N. I., 3.^a ed.
- RIVO, S. et al. (1959) — «Rapport entre le début des identifications du Moi et la formation du Surmoi», *Rev. Franc. Psych.*, separata.
- SADGER, J. — «An autoerotic», *Minutes of the Vienna Psych. Society*, Vol. 4, I.U.P.
- «Autoerotism and Narcissism», *ibid*.
- SEGAL, H. (1973) — *Introduction to the work of Melanie Klein*, The Hogarth Press, Londres, 2.^a ed.
- «Some denied implications of Melanie Klein's Work», in *Interactional Journal of Psychoanalysis (I. J. P.)*, vol. 64, 3, pp. 269-276; 183.
- SOLNIT, J. — ver RIVO.
- SPITZ, R. (1973) — *A genetic field theory of Ego formation*, I.U.P., N. I.
- WINNICOTT, D. (1977) — *Through pediatrics to Psychoanalysis*, The Hogarth Press, Londres.